ANO 23.º — Número 1187 ◆ O Jornal de maior expansão e defensor dos interesses de Guimarães ◆ Domingo, 10 de Outubro de 1954

Director, editor e proprietário
Antonino Dias Pinto de Castro
Redacção e Administração:
Rua da Rainha, 56-A
Telef. 4313

Notícias de Guimarães

FUNDADO EM 1932

Composição e impressão:
A' Ex.ma
Sociedade Martins Sarmento
Guimarães
— AVENÇA —

Tomou Posse
O NOVO PRESIDENTE
da Câmara Municipal de Guimarães

Realizou-se na quarta-feira, em Braga, no gabinete do sr. Governador Civil, a posse do novo Presidente da Câmara Municipal de Guimarães, sr. Capitão José Maria Pereira Leite de Magalhães Couto, que substitui naquele lugar o sr. Dr. Augusto Gomes de Castro Ferreira da Cunha.

Muito antes da hora marcada para a posse, os salões do edifício do Governo Civil de Braga encheram-se das pessoas mais categorizadas do concelho de Guimarães e de algumas individualidades de Braga, lembrando-nos ter visto, entre a numerosa e distinta assistência:

Deputados à Assembleia Nacional, Presidente da Junta da Província do Minho, Comandante Distrital da P. S. P., Presidentes das Câmaras do Distrito, Membros do Cabido Primacial de Braga, Magistrados, Oficiais do Exército e da Armada, Professores, Médicos, Advogados, Engenheiros e Arquitectos, Sacerdotes, Funcionários Públicos, Directores Bancários, Membros do Conselho Municipal de Guimarães e Vereadores da Câmara Municipal, Presidente da União Nacional Concelhia e Vice-Presidente do Município, Comandantes da G. N. R., da Polícia de Segurança Pública e da Legião Portuguesa de Guimarães, Presidente da C. M. de Assistência, Direcção da Sociedade Martins Sarmento, Director do Museu Alberto Sampaio, Presidentes das Juntas de Turismo da Penha e de Vizela, Presidente do Grémio do Comércio de Guimarães, Mesas Administrativas da Santa Casa da Misericórdia e das Ordens Terceiras de S. Francisco e S. Domingos, Direcções e Comandos dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, Taipas e Vizela, Direcção do Vitória Sport Clube, Presidentes das Direcções das Oficinas de S. José e do Asilo de Santa Estefânia, Direcções da Casa dos Pobres e dos Sindicatos Nacionais, Conservador do Registo Civil, Directores do Internato Municipal e da Escola Industrial e Comercial, Vice-Reitor do Liceu Martins Sarmento, Provedor da Irmandade dos Santos Passos, Presidentes das Juntas de Paróquia, Industriais, Comerciantes, Proprietários, Subdelegado regional da M. P., Engenheiro Municipal, Chefe da Secretaria e Tesoureiro da Câmara Municipal, Director dos Serviços Municipalizados, Arquitecto Urbanista Moreira da Silva, etc., etc.

Entre a numerosa e selecta assistência, viam-se muitas pessoas de todo o concelho de Guimarães, nomeadamente dos centros mais populosos, de Vizela, Taipas, Lordelo, Moreira de Cónegos, Sande, S. Torcato, etc.

Lido o auto de posse pelo sr. dr. Elias Gonçalves, secretário-geral do Governo Civil e feito o juramento da lei pelo empossado, usou da palavra o sr. tenente-coronel Armando Nery Texeira, que, em breves termos, salientou a importância daquele acto, e saudou toda a população de Guimarães.

Agradeceu à Comissão Distrital da U. N. a colaboração de todos os dias, através da qual tem podido resolver os problemas políticos mais difíceis e agradece ao sr. dr. Ferreira da Cunha, homem bom de Guimarães, tudo o que ele fez pelo concelho, à frente do qual se conservou largos anos.

Ao sr. capitão Magalhães Couto, não o felicita por ter aceitado o lugar, mas agradece o seu sacrifício, que não vai ser pequeno. E' que Guimarães, acrescentou o sr. governador civil, é sede de um conlho onde é preciso trabalhar com inteligência e com os olhos postos no bem comum, que é o mesmo que dizer, no progresso da terra e isso só se consegue com muito sacrifício e muito bairrismo.

«Sei, contudo, afirmou, que o novo presidente do Município tem as qualidades necessárias para realizar a obra de que Guimarães precisa e sei também que as vai pôr ao serviço da sua grande terra».

O novo Presidente da Câmara de Guimarães entre o Governador Civil e o Presidente cessante lendo o compromisso de honra

Seguidamente falou o sr. Tomás Rocha dos Santos, que fez o elogio do antigo e actual presidente da Câmara, dizendo que o sr. capitão Magalhães Couto, distinto oficial, de quem traça o perfil moral, vai efectivar uma obra notável, para o que lhe não faltará o apoio de todos os vimaranenses.

O sr. dr. Hugo de Almeida, presidente da Comissão Concelhia da U. N. de Guimarães, sauda o sr. capitão Magalhães Couto, afirmando que aquele dia representa o limiar de uma nova era para a sua terra. Está convencido que a obra que não pôde realizar há anos, quando ocupou o mesmo cargo em que acaba de ser investido, a vai efectuar agora com o apoio de todos. E dirigindo-se para os presentes:

— Vimaranenses: quero pedir-vos uma única coisa: que formeis à volta da nova Câmara e lhe crieis o ambiente indispensável de paz e de simpatia de que tanto carece para bem se desempenhar da sua missão.

Também o sr. dr. Felicíssimo Campos, presidente da Junta de Província, de que o sr. capitão Magalhães Couto fazia parte, usou da palavra, para saudar o amigo e companheiro, cujos conselhos e leal colaboração tanto apreciava e o deputado ilustre que, apesar da sua curta carreira parlamentar, tão boas provas deu das suas qualidades de dirigente e orador.

O antigo presidente do Município, sr. dr. Ferreira da Cunha, agradece as palavras do sr. governador civil e felicita-o pela escolha do sr. capitão Magalhães Couto para presidente da Câmara. Finalmente, o novo presidente do Município de Guimarães, em breves palavras, expôs o seu pensamento e disse o que determinará a sua conduta. Agradeceu aos srs. governador civil e Ministro do Interior o seu convite e lamentou a saída do sr. dr. Ferreira da Cunha. Mais adiante, afirmou que ninguém deve estranhar que ele dê primazia àquelas obras que apoiem ou completem o grande plano de melhoramentos do Governo de Salazar, a fim de que Guimarães venha a ocupar o lugar de destaque a que tem direito como metrópole do trabalho e baluarte histórico da Nação.

* * *

No seu regresso a Guimarães e acompanhado por algumas das individualidades que assistiram ao acto da sua posse, em Braga, o novo Presidente do Município dirigiu-se aos Paços do Concelho, sendo ali saudado pelo funcionalismo e por outras pessoas que se encontravam no edifício. O Vereador sr. António Faria Martins apresentou-lhe cumprimentos em nome da Vereação, agradecendo o sr. capitão Magalhães Couto.

O novo Presidente da Câmara recebeu também, quer nos Paços do Concelho, quer na sua residência, muitos telegramas de felicitações.

«Notícias de Guimarães», que novamente sauda Sua Ex.ª, fazendo votos pelas suas prosperidades à frente dos destinos deste concelho, fez-se representar no acto da posse pelo seu Director, que também representou o sr. dr. António Paúl, médico no Porto.

Dr. Augusto Ferreira da Cunha

O nosso prezado amigo e ilustre conterrâneo sr. dr. Augusto Gomes de Castro Ferreira da Cunha, que durante alguns anos esteve à frente dos destinos de Guimarães na Presidência do seu Município, lugar que agora abandonou por motivo do seu precário estado de saúde, teve a gentileza de agradecer ao «Notícias de Guimarães» a colaboração que lhe dispensara.

Registando com vivo reconhecimento a gentileza do sr. dr. Ferreira da Cunha, renovamos os nossos sinceros votos pela sua preciosa saúde e prosperidades pessoais.

VIDA MUSICAL

Curso de Piano de Mestre Eurico Thomaz de Lima

Na última quinta-feira, recebemos a visita de cumprimentos do consagrado Mestre Thomaz de Lima, que se deslocou a esta cidade para dar início ao ano lectivo de 1954-1955 do seu Curso de Guimarães, que vai entrar no 10.º ano de fundação.

Para novas inscrições no Curso — Infantil, Elementar, Complementar e de Interpretação — sob a orientação deste grande Mestre de piano, os interessados podem obter, por gentileza da sua discípula mademoiselle Maria de Jesus Rodrigues Laranjeiro — Telefone 40318 — as necessárias informações.

Novo Comandante dos Bombeiros

Foi nomeado Comandante dos Bombeiros Voluntários de Guimarães o sr. Tenente António Joaquim de Sousa, que actualmente reside em Guimarães.

CASAMENTO ALDEÃO

Domingo de Sol.
Um sino a vibrar...
Grupinhos no adro...
Há festa no ar.

A Rosa, a Maria,
A Guida e a Rita...
Qual dela, rapazes,
Será mais bonita?

E vós, raparigas,
Olhai-os também...

As mães estão longe...
Não passa ninguém...
E olhar p'rós rapazes
Que mal isso tem?

Escuto no grupo
Das velhas avós,
(P'ra dar novidades
Não há como vós...)

A velha Ti'Ana,
Que entrou nos setenta,
Solteira e beata
Azeda comenta:
— «Solzinho na boda
Indica tormenta...»

Pergunta do lado
Moçoila magana:
— «Na sua, choveu-lhe
Saraiva... Ti'Ana?»

Resmungam as velhas:
— «Cabeça de vento...»
E eu fico a saber
Que há casamento...

.....

Olha quem vem tão faceira!...
A Maria da Moleira,
Cabelo negro de amora...
E não tem medo, a tontinha,
Que a branca e leve farinha
Lho ponha branco... por ora...

Passa agora recolhida
A mais donairosa Guida
Que vive nas redondezas,
Com modéstia, olhos no chão...
Ou grande medo que vão
Pousar no Zé das Devezas...

Eis que surge desdenhosa
A menina «Dona Rosa»,
A filha do regedor...
Sapatos e fina meia...
De chapéu... e é a mais feia!
Louvado seja o Senhor!...

Lá chega o senhor Morgado.
Forte atrevido, estouvado,
A alvoraçar corações...
Já os rapazes se agastam
E as raparigas se afastam
Com medo dos beliscões...

Surge agora um grupo delas,
Lá vem a noiva com elas...
E que longo cochichar...
Todos querem à porfia
Ver-lhe a cara desse dia,
Do dia em que vai casar...

Ouve, Maria da Graça,
Deixa lá quem fala e passa...
O teu nome bem te diz...
Ergue o teu rosto moreno,
Ergue-o sem pejo e empeno
No teu dia mais feliz...

Ou quer's tu, grande brejeira,
Com esse todo e maneira
Alindares-te ainda mais?
Escuta, minha estouvada:
Vais ser senhora casada,
Não queiras criar rivais...

Lá chega o senhor abade,
A sorrir-se com bondade...
Vem de capa e solidéu.
Vai, Maria, vai p'rà igreja,
Nossa Senhora te veja,
E te abençoe do Céu...

.....
.....

Repicam os sinos,
Lá vem o cortejo...
Estão casadinhos...
Unidos num beijo...

E tomam a estrada,
Caminho do Lar
Maria da Graça
Vem sempre a corar...

Acompanha-os quem lá está
E em todos os rostos há
O mesmo ar prazenteiro...
Pudera! Vai tudo à boda...
Se não chega a casa toda,
Espalham-se p'lo quinteiro...

Ih! que mesa tão cumprida
De doces bem guarnecida,
E pão de ló do melhor...
Na travessa da aletria
Lê-se: «José e Maria»
Desenhado com primor...

Ao canto da sala,
Da pipa castanha,
Aberta a torneira,
Riqueza tamanha!...

Comenta um vizinho
Num hino pagão:
— «Que rico é o vinho.
E' santo o ladrão!...»

Violas ao alto,
Rapazes, tocai!
E pés buliçosos,
Moçoilas, dançai!

Há risos na eira,
Já lhes pula o pé...
Já botam cantiga,
Quem canta, quem é?

Violas ao alto,
Rapazes, tocai!
Rouxinóis d'aldeia,
Moçoilas, cantai!

Cantai, cantai, raparigas,
Que ao som das vossas cantigas
Abrandam-se os corações...
E os moços da vossa aldeia
Vão-se enredando na teia
Que lhes armais com canções...

Violas ao alto,
Rapazes, tocai!
E pés buliçosos,
Moçoilas, dançai!

Os pares rodopiam
A's voltas na eira.
Maria da Graça
Foi logo a primeira...

O noivo zeloso
Propõe enleado:
«Maria da Graça,
Descança um bocado...

E o velho padrinho,
Sorrindo... comenta:
— «Sossega, rapaz,
Que a noiva aguenta...»

Violas ao alto,
Rapazes, tocai!
Moçoilas gaiatas,
Cantai e dançai!

Vai caindo o borborinho...
Já se povoa o caminho
De convidados da boda.
Não precisam de candeia
Que a noite é de lua cheia
E ilumina a aldeia toda...

E na volta dessa estrada
Uma cabeça esquentada
Inda se põe a cantar...
Mas já ninguém quer cantigas...
Rapazes e raparigas,
Vai tudo, tudo... a sonhar...

.....

Silêncio na aldeia...
Silêncio sem par...
(Há sempre cigarra
Que teima em cantar...)

E a casa dos noivos
Banhou-se em luar...

VIRGÍNIA NUNO VILAR

Factos e Impressões...

Uma data

Quarenta e quatro anos passaram sobre a implantação da República. A data de 5 de Outubro de 1910, tem a transcendência histórica dos grandes acontecimentos e não pode ser esquecida, não obstante a singeleza ou o quase nada das comemorações a assinalar o facto.

Debruçados sobre os problemas nacionais e acalentando um idealismo fremente, puro de intenções, de força renovadora e de justiça social, portugueses prestigiosos, cheios de cultura, de inteligência e de dominante paixão por novas fórmulas políticas, lutaram para que à Pátria portuguesa se desenhassem novas perspectivas de engrandecimento e de concórdia para o seu Povo.

A semente frutificou e o sonho concretizou-se num acontecimento que encaminhou Portugal para novos destinos.

A fatalidade dos erros que se acumularam na vigência do novo regime, não abalou a estrutura sólida dos seus alicerces, porque nela havia a força do génio, a sinceridade das convicções ideológicas, a grandeza de muitos sacrifícios, a sublimidade de muitas lutas, a nobreza e o encanto de muitos sonhos.

Como sucede sempre no triunfo de todas as revoluções consagradas pela ansiedade e pelo sacrifício do Povo, os embusteiros conquistaram terreno, alaparam-se, instalaram-se em boas posições — e da sua acção nefasta resultou, por vezes, a anarquia e o tripúdio.

A Verdade, porém, subjugou a Mentira.

A pureza do idealismo que embriagou de esperanças o coração de tantos portugueses, que ficaram na História como intemeratos Pioneiros, nunca foi conspurcada, nem o ódio cego dos traidores e arranjistas diminuiu o fulgor de uma grandiosa epopeia.

Rememoramos o acontecimento histórico e acreditamos na sua projecção social e política, para além de todas as tibiezas e tergiversações...

Sugestão que merece o nosso aplauso

A sugestão deste jornal para que venha a ser prestada condigna homenagem a dois educadores que o meio vimaranense conhece muito bem — Luís Gonzaga e João de Deus — merece o nosso apoio incondicional.

Quem conhece os espinhos que a tarefa de instruir e educar comporta e as qualidades necessárias para que o cargo tenha um desempenho cabal, no alcance de objectivos morais e culturais, de muita importância no futuro da juventude, não pode deixar de admirar e louvar o esforço desses dois Homens que, em largos anos, prepararam gerações sem conta para a vida.

Oxalá essa homenagem, que se deve realizar como consagração de valores morais e espirituais, tenha relevo e esteja à altura do mérito que sempre distinguiu os dois apóstolos da Instrução.

A acção de Rotary

Ao lermos, nestas colunas, a alusão àquele *caso* dos rapazes *Tinhosos* e à interferência de Rotary Clube desta cidade para o internamento dos infelizes, meditamos na injustiça com que se aprecia — em certos sectores, pelo menos — o ideal e a acção rotarianos.

Muitas vezes critica-se, incompreensìvelmente, uma obra ou um movimento pelo simples e vulgar prazer — por sinal nocivo e mórbido — de criticar... Desconhecem-se os objectivos, a finalidade e a força que os inspira.

O movimento rotário no mundo é já hoje uma realidade incontestável. O seu ideal de amizade e de companheirismo impõe-se como uma força aglutinante de boas-vontades ao serviço da paz e do bem da Humanidade.

Eis uma síntese do ideal rotário, dada, em sermão, pelo Padre Dominicano Frei Lecleff, notável orador sacro, na capela de Santo António do «Valle Hermoso»:

«Rotary é uma associação internacional integrada de homens de boa vontade, que desejam entre si manterem relações sociais ou profissionais, dentro de um ambiente de sadia amizade, de ajuda mútua, de honestidade, de cordialidade e de lealdade. Homens que compreenderam que o egoísmo é maléfico e que os interesses pessoais devem ser sacrificados a bem dos colectivos; que se reúnem para estimular e fomentar os laços dessa amizade e mútua compreensão. Fazem o possível em servir os seus semelhantes, antes de pensarem em si próprios. Em suas reuniões não interessa a política, opiniões filosóficas ou religiosas, nem é tratado os interesses pessoais e pro-

Vida Rotária

No decorrer da reunião de 4.ª-feira do Rotary Clube de Guimarães, o sr. dr. João Alberto Mota Prego de Faria fez interessantíssimas considerações sobre problemas da medicina, sendo escutado com o maior interesse.

Naquela reunião foram ainda tratados diversos assuntos respeitantes à acção Rotária e tomado conhecimento de diverso expediente.

ÁRIA DE LOUVOR

Vive em Guimarães um conjunto musical que dá pelo título de — *Rítmo Louco*.

Estranho me parece o nome baptismal.

Entro de procurar o fundamento onomástico e encontro-o na circunstância de este grupo se afinar pelo género «Jazz», que é a música fundida em ritmos novos.

Nossos ouvidos, por desafeitos, não querem aceitar a rítmica deste género estravagante.

Alguns dos instrumentos componentes desta música exótica, produzem sons parecentes com o cascalho rolante.

Agridem, ferozmente, a nossa sensibilidade. Sejam, embora, dissonantes de aparência, a verdade é que não deixam de obedecer às regras do compasso.

Nova arte é esta de produzir música. A nossa auditiva se vai acostumando, pouco e pouco, a aceitar os ruidosos efeitos desses agrupamentos, — nomeadamente em certos movimentos coreográficos, saracoteantes, que nos conduzem o espírito a outros continentes, a outras raças, a outras civilizações.

Seja como for, assim se prova que há ritmos novos que, para serem excelentes, só falta nos acostumemos um pouco aos seus efeitos. Assim sucede com toda a novidade. Importa que se lhe dê uma atenção aquiescente.

O original de hoje, é o natural de amanhã.

As modas, as ideias, como os *apetites musicais*, requerem uso.

Dêm-nos, pois, os moços do simpático Grupo muitas audições e o nosso ouvido se irá aclimatando. Demais, os seus instrumentos, que são gaitas de beiços, exprimem efeitos sonoros macios. Não contundem, não ferem. Se mo consentem os fiéis da música clássica, direi que exprimem sensações apreciáveis as singelas gaitas de beiços.

A par disso, outro efeito se tira deste conjunto musical: sociabilidade.

Sim, a junção de uns tantos jovens para dar a auditórios públicos um pouco da sua arte, é promover obra de estética e de concórdia.

A sua organização selectiva chega mesmo a ser benemérita, pois que não se trata de profissionais, mas de amadores, produzindo música pelo gosto à arte.

Eça de Queiroz já certo dia nos mimoseou com um livro de *Prosas Bárbaras*. E o bárbaro desta singular prosa, sabe-nos bem. Tem o sabor estranho duma novidade sem igual.

Ritmos ainda virão ao Mundo, que o globo nos parecerá fora dos seus eixos!

Dissonância pior seria que o Grupo musical não subsistisse.

Queremo-lo na ribalta.

A sua música trespassada de alegria, faz-nos bem.

A terra vimaranense precisa de quem a tire da modorrice. O *Rítmo Louco* é obra de mocidade.

Prossiga o Grupo musical na organização das suas reuniões, das suas serenatas, dos seus bailes.

A juventude, mesmo em *ritmo louco* — sempre é ritmo.

Loucura pior, desatino mais grave, já agora, é fracassar.

Vá! Sejam rapazes desta geração. Actuem, criando sociabilidade.

Esta é a minha ária de louvor e aplauso.

— Estamos de acordo?

A. L. DE CARVALHO.

---

fissionais dos sócios. Ali não se realizam negócios nem se procuram clientes, mas sim, num encontro semanal, estreitar a amizade pelo conhecimento recíproco. São amigos sinceros e leais entre si, com o sentido de ajuda recíproca e com a preocupação de formar um ambiente acolhedor e amigo. No ingresso não é exigido declarações de fé ou compromissos especiais, como também obrigações para lutar contra alguém. Sòmente é pedido honradez e lealdade em todas as suas relações. Rotary escolheu a mesa como lugar para suas reuniões. Ali, sob um ambiente sempre optimista, o engenheiro fala com o médico, este com o advogado ou com o comerciante, etc. Diz-se que «o caminho do coração passa pelo estômago» e sabemos que muitos negócios se poderão realizar durante um bom almoço ou jantar. E', portanto, de boa psicologia encontrar-se em torno de uma mesa, com a finalidade de criar um ambiente propício à amizade e ao companheirismo. Além do mais, a mesa é um lugar público, onde cada um, mais do que em qualquer outra reunião, está obrigado às leis da correcção e da boa educação. E' um lugar aberto e franco, em tudo contrário a maçonaria, onde tudo está rodeado de grande mistério e é exigido silêncio absoluto.»

Não se pode dizer mais nem melhor.

O assunto, porém, sugere-nos algumas considerações, que ficarão para outra vez.

JOÃO DE GUIMARÃES.

BOMBEIROS DE TRANCOSO

Em visita de cumprimentos à Corporação dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, estiveram no domingo, nesta cidade, a Direcção e o Comando dos Bombeiros Voluntários de Trancoso.

Após a visita a Direcção de Guimarães ofereceu-lhes um almoço na Penha, trocando-se afectuosas saudações.

Carta a uma Senhora

Minha Senhora

Estou mesmo a ver que V. Ex.ª estranhou o facto de eu, falando-lhe em homenagens na minha última carta, não ter feito a mais ligeira referência àquela de que a Imprensa local e outra tanto têm falado.

Quero referir-me, minha Senhora, à homenagem que se pensa prestar aos dinâmicos obreiros da Marcha Gualteriana, o número mais atraente e mais sensacional das tradicionais Festas Gualterianas. Se realmente se deu o que eu penso, isto é, se de facto estranhou essa circunstância, devo dizer-lhe que se assim procedi foi apenas com a intenção de dar a essa homenagem o realce devido e, portanto, cá me tem hoje a dizer-lhe o que sinto a tal respeito.

Embora de nada valha a minha modesta opinião, porque também nada vale o meu préstimo, concordei, desde a primeira hora, com essa iniciativa, visto que estou sempre de acordo com tudo que signifique gratidão perante quem a ela tiver direito, como, no caso presente, os promotores da Marcha Gualteriana, assim como os seus dedicados colaboradores, valiosos elementos, sem dúvida, para o bom êxito da mesma. Por isso, considero uns e outros merecedores dessa demonstração de simpatia e de reconhecimento e todo o meu desejo é que essa homenagem traduza, através da sua elevação e do seu significado, a intenção que a determinou e que, com certeza, nenhum vimaranense contrariará.

Quanto a mim, gostaria também de ver essa manifestação de gratidão extensiva à Comissão que durante vários anos consecutivos promoveu a realização das Festas e as integrou naquele ambiente de brilhantismo e de grandiosidade que tiveram em anos bastante remotos a principiar pelo de 1906, data em que foram iniciadas. Ora, porque foi num período da sua decadência que a Comissão de que lhe falo tomou sobre si o pesado encargo de as colocar em nível de acentuada imponência, entendia eu que esse pormenor igualmente se devia tornar digno de justo reconhecimento perante quem durante anos após anos tanto trabalhou pelo engrandecimento do nome de Guimarães sem olhar a sacrifícios de qualquer espécie nem se deixar vencer pela impertinência de obstáculos de qualquer natureza.

Como V. Ex.ª vê, estou de Alma e Coração com a homenagem aos apóstolos da Marcha Gualteriana e da mesma forma procederia se a mesma abrangesse esse punhado de bairristas fervorosos que tiraram as Festas do abismo da decadência para as colocar na projecção dos períodos mais áureos.

E dito isto, minha Senhora, não me quero tornar mais maçador visto que, como é hábito dizer-se, as maçadas são proibidas, tanto mais que maçar uma Senhora é o mesmo que desviá-la dos seus afazeres domésticos. A este respeito, ouvi a uma Senhora, em certa ocasião, o seguinte:

«*Prefiro a maçada das panelas ao ambiente do soalheiro*».

Peço me desculpe esta derivante como remate desta carta, mas veio a *talho de foice* como poderia vir outra coisa qualquer e, além disso, como dizia a tal Senhora, mais vale conviver com o silêncio das panelas do que suportar a voz perturbadora das más línguas.

De resto, acerca da homenagem em perspectiva nem V. Ex.ª deixará de estar de acordo.

E assim esclarecido o meu pensamento, subscrevo-me.

Outubro de 1954 — De V. Ex.ª cd.º ven.or e obg.º

X.

Bilhete Postal

para o Rev. Sr. P.e Domingos José da Costa Araújo.

Bondoso Amigo; aí vai o meu postal
Como resposta à sua carta; aquela
Tão bem escrita carta; carta bela,
Querida como salmos de missal!

Que passe bem. — Rabisco em minha cela
Pra sua Telxida em jeito monacal...
— Não admira! — Verdade que é igual
A' sua, a minha pena e a minha tela?!

Não são iguais as musas que as inspiram
O correio que as leva, mãos que abriram,
Não têm o mesmo espanto as «Mães Violante»?!

Meu venerando Amigo, adeus; que viva!
E saiba-o do esquecer «a Mãe Captiva»
Que em mim vive imortal, alma gigante!

Alto da Ribeira,
2 — Outubro — 1954.

AGNELO CORREIA JÚNIOR.

NO MEU CANTINHO

Quinta-feira, dia 30.

Treze vezes admirável e caridosamente apreciável, o Estudo Crítico sobre Antero, no «Jornal de Barcelos» de hoje.

* * *

Faz hoje 57 anos que, numa tardinha de rosas, voou ao Céu a minha Teresinha (canonizada em 17-V-25) sempre e sempre bem querida e cada vez mais admirada.

* * *

No domingo, dia 3.

No recente Jornal de Matilde, li, três vezes, o Poema de *J. M. de F.*

Há nele versos de contagem vária.

Gostei, eu, da epígrafe e do número de versos. Também os contei, três vezes. São 33.

Leu-os, devagarinho, a minha Helena.

E gostou, a valer, da versalhada.

* * *

Que mau humor me tem, hoje, invadido!

Nem o antigo Salvador, nem o moderno Garibáldi, me afugentaram a neura!

GERESINO.

PARA REALÇAR A SUA ELEGANCIA

"DANIMAC"

Impermiáveis Ingleses para senhora talhados na Inglaterra por "DANIMAC"

Exclusivo de

A IMPERIAL

Rua de Santo António, 32-34

Telf. 40157

GUIMARÃES

391

DR. ALFREDO BRAVO

MÉDICO

396

DOENÇAS DA BOCA E DENTES

Ausente durante o mês de Outubro.

Jornal de Notícias de Guimarães

Os Vimaranenses vão LOUVAR os «obreiros» da Marcha

Em reunião efectuada na 6.ª-feira ficou assente que a homenagem aos «obreiros» da ***Marcha Gualteriana*** *se realize no dia 6 de Novembro, em jantar para o qual vai ser aberta a inscrição na próxima semana e em alguns estabelecimentos.*

A Comissão Promotora dessa homenagem é constituida pelas Direcções do Grémio do Comércio e do Sindicato Nacional dos Caixeiros, Comissão das Festas da Cidade, Joaquim de Sousa Oliveira e pelo director do «Notícias de Guimarães».

Recebeu-se agora a adesão do simpático grupo musical Ritmo Louco, *o que se regista com muita satisfação.*

Espera a Comissão de homenagem poder reunir e entregar aos valorosos elementos da ***Marcha*** *as importâncias com que os vimaranenses ou os admiradores daquele famoso Cortejo lhe queiram confiar, para constituir um fundo a favor da realização do seu* sonho doirado *: — a construção da* ***Casa da Marcha.***

Obra de destruição

Começou no dia 4, contra a vontade de muitos vimaranenses mas a contento de alguns, a demolição de uma parte do edifício, que deveria ser majestoso, dos Paços do Concelho, obra iniciada há mais de um quarto de século e que poucos anos depois foi interrompida.

Nós que, respeitando embora as opiniões contrárias, pertencemos ao número daqueles que desejariam ver o edifício erguido, lamentamos sinceramente o que se está a passar e que não representa nada de construtivo.

Queda mortal

Quando o cantoneiro de estrada, Alfredo de Sousa, casado, de 64 anos de idade, residente no lugar da Cruz, freguesia de Brito, deste concelho, seguia na camioneta da Junta Autónoma das estradas com um carregamento de paralelo, ao pretender, no lugar da Pisca, freguesia de S. Miguel de Creixomil, subúrbios de Guimarães, segurar um desses pararelos, desiquilibrou-se, caindo, do que lhe resultou a morte quase instantânea.

O sinistrado foi conduzido na ambulância dos Bombeiros Voluntários de Guimarães ao hospital da Misericórdia, onde já chegou morto.

O infeliz deixa viúva e 6 filhos.

TUBOS GALVANIZADOS!...

Unicos importadores no Concelho: 599

A Competidora de Representações, L.da

Só importamos tubos de parede normal, porque:

Tem mais parede, mais duração e suportam o dobro da pressão.

R. da Raínha n.º 115 — Tel. 4523

GUIMARÃES

Pasta de estudante,

encontrou-se. Nesta redacção informa-se. 406

ASPECTOS DO REGIMENTO 20 HÁ 50 ANOS

XII

Naquele tempo não havia o que presentemente se designa por — desporto, quer dizer, havi-o sim, mas praticado por necessidade física e moral de expansão da juventude e até dos homens já maduros, porém livremente seguido, sem preocupações de competição e muito menos na mira do lucro, isto é, como então se dizia — por desporto.

Recordo-me de haver, quando andava na escola do Mestre Abílio, na rua Nova, as «púrrias» da aula do Mestre Oliveira, em frente à «Linha» e a de S. Nicolau, no Beringel, que se desafivam para a estrada de Fafe na luta à pedrada, de que de uma vez, simples espectador, saí com um «galo» na testa, e depois minha santa Avó me castigou, por ter andado fora das suas vistas, com umas palmatoadas de certa escova de picos, de passar as sedas do seu ofício de sirgueira.

O «capitão» da escola de S. Nicolau, ainda me recordo dele, há cinquenta anos, era o António «Trasmontano», conhecido bilharista, e que, além de forçante, atirava as pedras mais longe que qualquer outro.

Não havia pois agremiações de desporto, nem nada organizado nesse sentido, nem estádios — o de então era na mata do Cavalinho — nada que se parecesse com o actual.

O que havia eram os desafios dos moços das freguesias do Concelho para se defrontarem nas Romarias, e isso sem intuitos de ganhar fosse o que fosse, além da fama de rapazes tesos, e nunca a mancha do lucro veio enodoar a reputação desses valentes que, arriscando o corpo e algumas vezes a vida, iam defrontar os seus adversários em campo aberto e leal, sem recorrerem a mercenários, o que seria a maior das desonras.

Isto, é claro, poderá parecer mais bárbaro, mas é com certeza muito mais másculo e bairrista.

Ora para estas pugnas, já lendárias nas Romarias, talvez reminescências dos torneios medievais, e para as «arbitrar» é que comparecia a tropa, nem sempre isenta dos precalços que presentemente afligem os árbitros.

Porisso ia com efectivo suficiente para manter a autoridade e o prestígio e alojava-se na casa da Confraria, que julgo ainda ser a mesma, por trás da igreja.

Estacionava depois no fim do escadório com as armas ensarilhadas, sentinela e os corneteiros sempre prontos a fazer o toque de «unir», quando as coisas já andavam mal paradas e os cabos de polícia da Regedoria, com suas espingardas caçadeiras, não podiam com os desordeiros e lançava o alarme em todo o arraial.

A Romaria começava logo de entrada, antes dos mastros floridos e embandeirados, com festões de hera de uns aos outros, já com os copinhos de papel colorido para as «grizetas», que eram umas malguinhas de barro grosso, cheias de cebo, com um pavio de «rolo» seguro com um pouco de barro, pela ala lamurienta dos aleijados, monstros fisiológicos, cegos, «emprègadinhos», enfim como se diz em linguagem erudita — uma sucursal da «Côrte dos Milagres».

«Oh! meu rico benfeitor, olhe para esta alminha» — «olhai meus irmãos para este desgraçadinho» — «Pela alma de quem lá tem dê uma esmola a este aleijadinho que não o pode ganhar» e tantas e tantas súplicas em voz lamentosa, a puxar à lágrima dos compadecidos romeiros, já tão habituados a estes gritantes queixumes, que na sua maioria passavam adiante, sabendo que essas criaturas eram alugadas e às vezes vendidas, para explorar a caridade do público.

E o arraial já começava com a chegada constante dos carros que ali faziam o seu local de estacionamento, junto do ferrador e dos primeiros tascos em que entravam e saíam os romeiros pedestres afogueados de calor e poeira, com as gargantas secas de tanto cantar.

Depois era um mar de gente que rodeava como se fosse a uma ilha, o Santuário, ao fundo do terreiro ostentava o bosque armado das «árvores de fogo» a queimar no final da festa e a torre de madeira de onde se deitaria o fogo que era afamadíssimo em todo o Norte, talvez mais do que o do S. João, romaria rival desta de S. Torcato.

As barracas de quinquelharias, entre as quais a do «Turco», que veio algumas vezes às Gualterianas e mais ou menos como prevalecem ainda agora.

As roletas de guarda-solinho, de dez números, com zero, dois zeros e estrela, de entradas desde 10 réis ao tostão; o bilhar chinês, com a mola que atirava uma bolinha para uma série de cacifros de cores, amarela, preta e encarnada, com as rodas correspondentes às cores e onde se punham os vinténs, e o cacifro branco, do partido do banqueiro em que, não sei por que manigância, caía as mais das vezes a bola.

As roletas com um grande arco, que girava em torno de uma haste no meio do grande prato de madeira, orlado de pregos, cuja extremidade, armada de uma pestana de barba de baleia, percorria a circunferência até parar num prego que daria ou não, o prémio de cigarros desde os «Turcos» (não desses aristocráticos de tabaco amarelo), «Incríveis», «Santa Justa», até aos mais caros os «Antoninos», que custavam seis vinténs, ao lado dos «Almirantes» e «Fortes», estes a vintém a dúzia.

Tudo isto agora representado por sorteios de panelas, muitas panelas e tachos de alumínio, que pobres animaisinhos ensinados sorteiam entre o gentio embasbacado.

As músicas do José Inácio, de Fafe, Póvoa de Lanhoso alternavam-se nos concertos rodeadas dos seus admiradores e partidários.

Barracas de «comes e bebes» tinham as mesas, que eram umas tábuas de pinho mal aplainadas sobre quatro pés, outras mais baixas a servir de bancos, abarrotadas de gente, e despachavam as panelas de arroz de bacalhau, carneiro com batatas e bacalhau frito ali cosinhados ao ar livre, tudo debaixo de imensos toldes de lona.

No meio do gritante borborinho da multidão destacavam-se as vozes agudas das moças da aldeia que traziam uma «moda» nova, acompanhadas de viola e cavaquinho, o alegríssimo instrumento, que era logo avidamente ouvida e arrecadada para espalhar depois entre os seus como novidade do «S. Torcaide».

Estes grupos, antes dos *folclorismos*, eram apreciadíssimos e a multidão fazia-lhes acompanhamento, silenciosa e apreciadora, no tempo do «Oh! ai Joaquina...» ou da «A barra da minha saia...», da «Caninha Verde» e outras já esquecidas, regionais, alegres e, sobretudo, minhotas, muito longe dessas estafadas, obcecantes e enjoativas reproduções do «Bailinho...», do «Peixinho do mar», que já deviam ser proibidas por estancarem a iniciativa artística desta gente, que propositadamente andava todo o ano a compor em segredo uma «moda» para ser lançada no S. Torcato.

Os soldados da diligência andavam pelo arraial com as pessoas de família, conhecidos e amigos, enquanto um pelotão estava de prevenção para os «barulhos», o que habitualmente só sucedia lá para a tarde, depois de esquentados os ânimos com algumas doses de canecas de «meia» e depois da Procissão.

Jugueiros — Felgueiras, 27 de Setembro de 1954. *Continua.*

A. DE QUADROS FLORES.

AVISO AOS CREDORES

SEBASTIÃO MENDES, da Avenida Conde de Margaride, Guimarães, pede a todos os seus Credores para até ao dia 31 do corrente enviarem, para conferir, as C/C dos seus Créditos, os quais lhes serão pagos logo após a sua apresentação. 409

LOJA DOS TABELADOS

LARGO DA CONDESSA DO JUNCAL

GUIMARÃES

Procede a uma liquidação geral, vendendo todas as fazendas em "stock" com grande baixa de preços. Visitem este afamado estabelecimento, certificando-se da única ocasião que se lhes oferece de comprarem bem e barato.

Também se passa, dando-se facilidades com garantias.

Entretanto, vai-se procedendo à liquidação, beneficiando-se assim o público consumidor. 544

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fazem anos:

No dia 11, a sr.ª Francisca de Oliveira Abreu, mãe do nosso amigo sr. Manuel de Freitas, e o nosso prezado amigo sr. Manuel Fernandes, ausente no Brasil; no dia 12, os nossos prezados amigos srs. Cap. Henrique Alberto de Sousa Guerra Júnior e António Vieira da Cruz Júnior; no dia 13, os nossos amigos srs. Manuel Joaquim Vieira da Cunha Machado (Teibão) e Leonel Marques Rodrigues, estudante em Mulhouse (França), e o nosso amiguinho, menino Francisco Albano Gonçalves Dias de Castro; no dia 14, os nossos prezados amigos srs. Rogério da Silva Crespo Guimarães e Vasco de Oliveira Bastos e mademoiselle Maria Isaura de Freitas Costa; no dia 15, o nosso prezado amigo sr. Augusto Joaquim da Silva, estimado solicitador da nossa comarca; no dia 16, o menino Armando António Rodrigues de Araújo, filho do nosso bom amigo sr. Joaquim Rodrigues de Araújo, da Carreira (Famalicão); mademoiselle *Alda Pinto Rodrigues, filha do nosso prezado amigo sr. dr. Francisco Pinto Rodrigues, e os nossos prezados amigos srs. Fernando Francisco Loureiro Moreira e João Carlos Soares; no dia 17, o nosso prezado amigo e conceituado industrial sr. Vital Marques Rodrigues.*

«Notícias de Guimarães» *apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.*

*

Faz anos amanhã, dia 11, a sr.ª D. Maria da Madre-de-Deus Almeida Ribeiro, estremosa esposa do nosso prezado amigo sr. José Torcato Ribeiro Júnior, conceituado industrial.

Senhora dotada de um coração bondosíssimo, tem sabido ser o amparo de muitas pessoas que à sua generosa protecção recorrem.

Felicitando a bondosa senhora, fazemos votos pela continuação de sua preciosa saúde.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo feminino, a esposa do sr. António Augusto Vaz da Costa Marques.

Mãe e filha estão bem. Parabéns.

— Também deu à luz uma criança do sexo masculino a esposa do sr. Alberto Rodrigues de Figueiredo.

Mãe e filho estão bem. Parabéns.

Partidas e chegadas

Com sua esposa partiu para o seu solar de Simães e teve a gentileza de nos apresentar os seus cumprimentos, o nosso querido amigo sr. dr. Maximiano Pinto de Simaens.

— Partiu para Salamanca, a concluir os seus estudos, o nosso distinto amigo rev. dr. Aurélio Fernando Martins Pereira.

— Com sua família regressou de Monchique o nosso prezado amigo sr. Herculano Dias de Castro Queiroz.

— Regressou de Vila Verde a família do nosso distinto colaborador e amigo sr. João de Sousa Machado.

— Estiveram nesta cidade, onde vieram por motivo do falecimento de sua extremosa mãe, o nosso prezado amigo sr. João do Couto Salgado Júnior, e sua esposa; e a sr.ª D. Maria de Lourdes Couto Moreira de Campos e seu marido, residentes em Lisboa.

— Com sua família e depois de ter passado uma temporada nesta cidade, regressou a Lisboa e deu-nos a honra da sua visita de cumprimentos, o nosso querido amigo e ilustre colaborador sr. dr. Américo Durão.

— Deu-nos o prazer da sua visita a sr.ª D. Felicidade Alves da Costa Abreu, de Vilarinho, Santo Tirso.

— Esteve nesta cidade, acompanhado de sua esposa, e deu-nos o prazer de sua visita, o nosso querido amigo sr. Francisco Vilarinho, estimado e distinto solicitador em Lisboa.

— Tem estado nas suas propriedades do Tugido, em S. Torcato, o nosso prezado amigo sr. Rodrigo Fernandes Abreu.

— No regresso duma viagem à Ilha da Madeira, esteve entre nós o nosso prezado amigo sr. Constantino Lira, de Felgueiras.

— Têm estado em Lisboa os nossos prezados amigos srs. Eng.º Alberto Costa e António Alberto Pimenta Machado.

— Com sua família regressou de Ponte do Lima o nosso prezado amigo sr. Visconde de Viamonte da Silveira.

— Esteve entre nós o nosso querido amigo sr. Coronel António de Quadros Flores.

— Com sua esposa e filha, D. Julieta, partiu de Lisboa para Madrid e Barcelona, onde vai consultar um especialista, o nosso prezado amigo sr. Coronel Henrique Alberto de Sousa Guerra.

— Com suas famílias regressaram: de S. Cláudio do Barco, o nosso prezado amigo sr. dr. Manuel F. Pinto dos Santos; da Póvoa de Lanhoso, o nosso prezado amigo sr. Joaquim Ribeiro da Silva, e da Póvoa de Varzim, o nosso bom amigo sr. Sebastião Mendes.

Pedido de casamento

O sr. Francisco Ribeiro de Castro e sua esposa a sr.ª D. Maria Tereza Dias Queiroz Castro, pediram em casamento para seu filho o sr. António Maria Queiroz Castro, a mão da prendada menina Maria Francelina Fortuna Rodrigues, filha do conhecido comerciante da cidade do Porto sr. Elias Lopes Rodrigues e de sua esposa a sr.ª D. Idalina Fortuna Rodrigues, devendo realizar-se em breve o auspicioso enlace.

Aos noivos, possuidores das melhores qualidades morais, desejamos as maiores felicidades.

Falec. e Sufrágios

D. Luísa Rosa de Matos Couto

Na sua residência à rua de Santo António e confortada com os sacramentos da S. M. Igreja, faleceu, no dia 2, contando 76 anos de idade, a sr.ª D. Luísa Rosa de Matos Couto, viúva do saudoso João do Couto Salgado, solicitador da Comarca; mae das sr.as D. Filomena d'Assunção Matos Couto, D. Eulália Albertina Matos Couto, D. Maria de Lourdes Couto Moreira de Campos, casada com o sr. Carlos Alberto Moreira de Campos, D. Maria Isabel Matos do Couto Santos, casada com o sr. António Augusto Teixeira Santos, e D. Maria Madalena de Matos Couto e do sr. João do Couto Salgado Júnior, casado com a sr.ª D. Maria Graciette Soares Pinto do Couto Salgado.

A saudosa extinta, que era dotada de apreciáveis sentimentos de bondade, muito esmoler, deixa os seguintes netos: João António Matos Couto, Maria Dulce Pinto do Couto, António Amadeu Couto Neves da Silva, Maria Graciette Pinto do Couto Salgado, Maria Isabel Couto da Silva, Rosa Maria Matos Couto Vieira, Albino José Couto Neves da Silva e António Augusto Matos Couto.

O seu funeral efectuou-se na 3.ª-feira na igreja da Misericórdia, com muita assistência, tendo sido o cadáver removido, após os ofícios e com numeroso acompanhamento, para o cemitério de S. Pedro de Azurém.

A chave do caixão foi entregue ao sr. dr. Alberto Ribeiro de Faria e organizaram-se apenas dois turnos, um composto por educandas do Asilo de Santa Estefânia e outro por senhoras da família da extinta.

A toda a família dorida apresentamos condolências.

D. Emília Maria Marques Ferreira de Araújo

Na residência de seus pais, na freguesia de S. Jorge de Selho, Pevidem, faleceu esta bondosa senhora, filha do sr. João Ferreira de Araújo e da sr.ª D. Maria Correia Marques, tendo-se realizado o seu funeral, com grande concorrência, na manhã de 5.ª-feira última.

A toda a família dorida apresentamos sentidas condolências.

Domingos Ribeiro Pinheiro

Faleceu o sr. Domingos Ribeiro Pinheiro, antigo comerciante, casado com a sr.ª D. Maria Pereira, tendo-se efectuado ontem no templo da Misericórdia o seu funeral.

Os nossos pêzames à família.

Alberto Algusto Carvalho César

No Porto, onde residia, faleceu, o nosso conterrâneo sr. Alberto Augusto Carvalho César; pai do sr. Joaquim Alberto César, residente em Lisboa, e cunhado do sr. Joaquim da Silva Eugénio.

Os nossos pêsames à família dorida, especialmente ao nosso bom amigo sr. Joaquim Alberto César.

Vida Católica

Venerável Ordem Terceira de S. Francisco

A Mesa desta Venerável Ordem, desejando imprimir no presente ano o maior brilhantismo à festa do Santo Patriarca, resolveu que a mesma fosse precedida de um tríduo de prègações que foram feitas pelo rev. Padre Comissário Nacional da Ordem Terceira Franciscana, nos dias 7, 8 e 9, às 6,30 e 21 horas.

Hoje haverá: Missa solene, às 10,30, e de tarde sermão, bênção do S.S. e absolvição dos Irmãos Terceiros.

A Mesa convida todos os fiéis e em especial os Irmãos Terceiros a marcar a sua presença na Festa.

Novo Pároco de Pencelo e Gominhães

O rev. Padre Firmino Lopes da Cunha tomou posse no domingo das freguesias de Gominhães e Pencelo, para que recentemente foi nomeado, sendo aqueles actos revestidos de muita solenidade.

Na altura da sua missa, em ambas as paróquias, foi lida a carta de encomendação do Prelado da Diocese, tendo havido manifestações de regosijo.

O novo pároco foi cumprimentado pela maior parte dos seus paroquianos, aos quais dirigiu uma paternal alocução.

Nossa Senhora de Fátima

Na igreja de Nossa Senhora da Oliveira, haverá no dia 13, como de costume, os actos de culto às 12,15, em honra de Nossa Senhora.

— Promovida pela freguesia de S. Sebastião (Domínicas) realiza-se na próxima quarta-feira, dia 13, ao meio dia, a procissão de N. S.ª de Fátima, que sairá da capela das Oficinas de S. José, recolhendo à Igreja Paroquial, havendo em seguida missa rezada, exposição do Santíssimo, invocações e Benção.

N. S.ª do Perpétuo Socorro

Realiza-se hoje, no Santuário da mesma invocação, à rua de Francisco Agra, a reunião mensal da Arquiconfraria de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, constando de manhã, missas e comunhão geral; às 16,30 e às 21 horas, exposição, terço, prática, consagração e bênção do Santíssimo.

Pia Associação dos Amigos do Sagrado Coração de Jesus

No próximo domingo, dia 17, pelas 7 horas, terá lugar na igreja de Nossa Senhora da Oliveira, como de costume, a reunião mensal desta Associação, com missa e comunhão geral.

Diversas Notícias

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Barbosa, ao Largo do Toural, Telef. 40184.

Desastre na caça

O proprietário de Santa Maria de Airão, sr. António Pereira Ribeiro Agra, casado, de 45 anos, quando no dia 1 andava à caça, foi atingido no rosto e num ombro por um tiro de arma caçadeira, ficando gravemente ferido. Recolheu ao Hospital.

J. MONTENEGRO
INSTALAÇÕES ELECTRICAS — ALTA E BAIXA TENSÃO
Largo 28 de Maio, 78-1.º — Tel. 4510
GUIMARÃES 224

DEBUXADOR
Debuxos para artigos de Seda e Algodão
APRESENTA ESTUDOS DE CRIAÇÕES ORIGINAIS
Desenhos para estamparia com ou sem misonetes, litogravura, litografia e todo o género de desenhos artísticos a óleo, aguarela, carvão, etc.
LUIZ GONÇALVES DE AZEVEDO
Avenida Marechal Gomes da Costa, 265-3.º-Dt.º
BRAGA 394

Agentes Transitários e Camionistas
Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação.
Sua Recolha ou entrega no Domicílio.
JOSÉ DE MELLO & C.ª
Casa fundada em 1828
ESCRITÓRIOS: *Rua Nova de Alfândega n.º 67 — PORTO*
com *Armazém de Retem e Depósitos*
(Área coberta: 3.000 metros quadrados.)
EM MATOSINHOS: 12
R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903
Telefones: 21073 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

Cortejos de Oferendas

Nos próximos domingos, 17 e 24, realizam-se importantes cortejos de oferendas, respectivamente, nas freguesias de Atães e Santa Eulália de Fermentões, em benefício de obras das duas paróquias, constando-nos que é grande o entusiasmo dos paroquianos.

CASA DAS NOVIDADES
LIVRARIA E PAPELARIA
RUA DA RAÍNHA, 105
GUIMARÃES
PAPELARIA: Completo sortido de todos os artigos.
LIVRARIA: Todos os livros para o Ensino Primário e Secundário.
CANETAS DE TINTA PERMANENTE: O mais completo sortido aos melhores preços. Vendas a Pronto e a Prestações com bónus. GRAVAÇÃO DO NOME, FEITA GRATUITAMENTE, NAS CANETAS DE PREÇO SUPERIOR A 25$00.
PASTAS E MALAS ESCOLARES: Completo sortido aos melhores preços.
RECEPTORES DE RÁDIO: Agente neste concelho das famosas marcas TELEFUNKEN e A. E. G.
Grande sortido de Figurinos para Senhora e Criança; Revistas nacionais e estrangeiras; artigos para escritórios, trabalhos tipográficos, carimbos de borracha e metal, etc., etc.
ESTA CASA VENDE TODOS OS ARTIGOS PELOS MELHORES PREÇOS. 393
DESCONTOS ESPECIAIS AOS EX.mos PROFESSORES, ESCOLAS E COLÉGIOS.

PRACISTA Com prática ou sem prática para venda de papéis e outros artigos. Admite Gomes Alves, Filho & C.ª, L.ª — GUIMARÃES. 402

Teatro Jordão
HOJE, ÀS 15 E ÀS 21 HORAS
INAUGURAÇÃO DO ÉCRAN PANORÂMICO
Lucrécia Borgia
com Pedro Armendariz, Martine Carol e Massimo Serato.
A produção mais espectacular que o cinema europeu produziu até hoje.
(Espectáculo para maiores de 18 anos)
TERÇA-FEIRA, 12 — ÀS 21 HORAS
SOB O CÉU DE ROMA
com Ciro, Geppa e Bruno.
As dramáticas aventuras de 3 jovens e as consequências do mercado negro.
(Espectáculo para maiores de 18 anos)
QUINTA-FEIRA, 14 — ÀS 21 HORAS
O BANDIDO DA COVA DO LOBO
com Amedeo Nazzari e Cosetta Greco.
(Espectáculo para maiores de 13 anos)
SÁBADO, 16 — ÀS 21,30 HORAS
404 *Em Sessão Popular*
RATOS DO DESERTO
com Richard Burton, Robert Newton e James Mason.
(Espectáculo para maiores de 13 anos)

Ofertas e Procuras

ALUGA-SE Casa com 7 divisões, garagem e pequeno quintal, situada na rua da Arcela. Falar com o seu proprietário — António Fernandes — Campo de S. Mamede, Guimarães. Telefone 4388. 401

DINHEIRO PRECISA-SE 100.000$00 por hipoteca assunto a tratar com o próprio. Resposta à Redacção às iniciais R. R.. 408

PENSÃO PORTUGAL
Passa-se por motivo de retirada. Óptimas instalações, muita clientela. Tratar com o proprietário ao Largo João Franco, 19. Telef. 40456 — Guimarães. 407

O amor à Terra e à Grei — eis o nosso lema.

Peregrinação pelo Termo de Guimarães

"A história do povo é a história das instituições municipais"
Gama Barros.

A' Ex.ma Câmara Municipal

84) Of. EDUARDO DE ALMEIDA.

II

Foram, na verdade, anos apavorantes. Drama nacional íntimo, na Europa convulsa, cuja memória ainda conturbamos com a sombra dos nossos preconceitos sectários, sem a objectividade fria e serena de juízo compreensivo. Era o fanatismo político «na exumação do cadáver de Teles Jordão, retalhado em bocados de carne e guardada foi em espírito de vinho para lhe gritarem imprecações». As forcas da Praça Nova «e o Palito, religioso franciscano, e outros metidos no porão de um navio, e, pregada a escotilha, lançado à garra pelo Douro abaixo». E era a crise financeira tremenda. No Terreiro do Trigo, em Lisboa, dos anos de 1797 a 1813, inclusivè, de trigos estrangeiros venderam-se Rs. 82.239:635$183 ou sejam mais de 208 milhões e 599 mil cruzados. No Relatório apresentado por *Fernandes Tomás* às Constituintes, em 5-Fevereiro-1821, os cereais importados de 1808 a 1809 excedem 192 milhões de cruzados. Mapa estatístico acusa a passar de 54 milhões de cruzados em relação aos anos de 1814 a 1819. Procurava-se regular a importação na Lei de 18-Abril-1821, alterada ao acaso dos acontecimentos políticos e sempre sujeita às alternativas das anezas da colheita e do contrabando. O orçamento, apresentado em Junho de 1836, apresentava o saldo dificitário de 3.479:944$369 rs. Mas a crise agrava-se e a Câmara dos Deputados, em Março de 1841, nomeia uma comissão para a estudar. Atrazo no pagamento dos dividendos da dívida externa; reclamações britânicas, brasileiras, francesas e espanholas, todas reduzidas às exigências de dinheiros; despesas com as lutas internas, pagamentos de soldos e pensões em dívida, etc. Não se esqueça o abalo económico, social e doméstico com a emancipação do Brasil.

Desgarra-se de nosso propósito o esmiuçar dessa crise, que, muito embora atenuada, se prolongaria até o primeiro orçamento com saldos equilibrados de receita e despesa. Sobre ela contunde o verbo pessimista de *Oliveira Martins*, e mais analiticamente se espraia aquele mencionado «período» portuense de «literatura, filosofia, viagens, ciências e belas artes». Mas cabe-nos anotar que no orçamento de 1841 a importância total das avaliações dos bens nacionais era computada em 5.940:089$660, estando em disposição para serem vendidos 1.976:737$000. Estavam abrangidos no total 450:109$000 usufruídos pelos párocos. Com a venda mais tarde de alguns destes, aumentou-se a verba orçamental para as côngruas, já então avaliada em 320 contos. Os dízimos haviam sido abolidos por Decreto de 30-Julho-1832. A comissão nomeada para estudar os meios de remedeio à crise calculara o rendimento de rendas, foros, juros, laudémios, etc., no continente e ilhas, em 200 contos, devendo, todavia, considerar-se que era essa receita proveniente de bens que sucessivamente se iam vendendo. A que chegava a *décima*, a forma dominante do sistema tributário? No mapa relativo ao ano económico 1838-1839 a importância da décima é avaliada em 1.346:840$677 e com os anexos sobe a 1.527:963$583, cabendo ao distrito de Braga 56.843$729, só excedida por Lisboa e Porto. No mesmo distrito a contribuição paroquial figurava em 24.855$393.

Na última década de Oitocentos, mesmo no crepúsculo do século, corria o dizer vulgar

— Vou-me chegando à Fazenda a pagar a décima.

A décima! Ora já então o ministério, mesmo com os fósforos clandestínos de espera-galego, se debatia na rede enliçante da governança pública, a crescer fabulosa pelos anos fora, mesmo não levando em conta — e era conta graúda — a satisfação dos compromissos na variedade de soma dos juros e dívidas, com a administração, a justiça, o ensino, as obras públicas, o exército e a marinha... Reveja-se o quadro, mas à verdadeira luz, sinistra, do país assolado pelas invasões, guerras civis, custosas intervenções e exigências abutrinas do estrangeiro, na perturbação esmagada pela inquietude, e se compreenderá o transe.

Como a reforma administrativa dera às câmaras dos municípios certo encorajamento autonomista, logo, no *Portugal Velho*, e mais gazetas da cor e sabor (e em vários casos com verdade) cigarrearam as imprecações contra o exaustivo desaforo de incomportáveis tributos, porventura na maioria dos casos lançados para ocorrer a despesas com obras indispensáveis e urgentíssimas, na essência da própria e sã administração municipal. (Em Guimarães, no dia 8 de Maio de 1838, reuniram-se na Câmara os eleitos pelo Povo para designarem os géneros sobre os quais recairiam os tributos: mas, queixosos da má administração dos rendimentos do concelho — como dos ordenados ao Administrador e Escrivão da Câmara — não fizeram proposta alguma, recusando-se à designação desses géneros. A reunião acabou em grande tumulto e desordem, ficando assim a Câmara sem possibilidade de organizar o seu orçamento. E, poucos dias depois, sob um temporal de chuva, caía um pedaço da Ponte de Santa Luzia, quase ao meio, só sendo possível o trânsito arriscado de gente a pé por uma fieira de pedra.)

Continua.

Errata importante — N.º 83 — 3.ª coluna: Onde se lê: Antecedia a quase europeia convulsão social de 1948 — deve ler-se: de 1848.

DESPORTO

UNIDADE

É velha a parábola do feixe de vimes. Portanto o conceito de unidade há muito que simboliza a força capaz de mover todas as dificuldades.

Por isso nos parece que para se alcançar os altos fins em que andam empenhados os desportistas vimaranenses, sòmente com unidade firme, com convicta fé, é que o limiar do Ideal poderá ficar ao nosso alcance.

Deste local apelamos para aqueles que têm responsabilidades, para que, pelo seu exemplo, tratem de unir, criando a força que tudo alcança, para que depois o triunfo tenha aquela plenitude que verdadeiramente glorifica e honra.

Somos dos que acreditamos nos Homens, nos seus esforços e nas suas intenções, e, deste modo, não desistimos da ideia certa de que temos a real possibilidade de conseguirmos para nós — para a nossa Terra —, dentro do ponto de vista desportivo, tudo aquilo que lògicamente se ambiciona.

A unidade, força plena de convicções, há-de dar o positivo resultado que ansiosamente se espera.

UM DE NÓS.

"O NACIONAL" DE JORNADA A JORNADA

VITÓRIA, 1 — CUF, 2

Quando as facilidades fazem perder dois pontos...

Isto de futebol é como os alcatruzes da nora, que ora estão em cima, ora estão em baixo. O resultado de um jogo tanto pode levar os adeptos dum clube a anteverem os primeiros lugares como a predizer-lhes o último. Os adeptos do Vitória, depois do triunfo sobre o Benfica e do empate no Bessa, faziam tais contas e de tal modo se acomodaram à ideia de que tudo era fácil, que encararam o encontro de domingo passado como vitória certa, de somenos importância. Assim, quando nos dirigíamos para a Amorosa para assistir ao Vitória-Cuf, o ambiente dos que nos acompanhavam ou daqueles que passavam por nós era de que a *coisa* devia andar à roda da meia dúzia... Este estado de espírito contaminava todos e, portanto, também os próprios jogadores. Quando tal acontece é que vêm, sem contar, os resultados contrários. Isto é fenómeno de todos os domingos, aqui ou ali, por toda a parte.

Debaixo da arbitragem de Costa Martins, do Porto, os grupos alinharam: Vitória, com Lobato, Cesário e Costa; Rebelo, Cerqueira e José da Costa; Lara, Silveira, Juanin, Miguel e Rola. E a Cuf, com Libânio, Pedro Gomes e Celestino; Orlando, Carreira e Vale; Barriga, Diamantino, Frade, Luís e Sérgio.

A primeira parte decorreu sem golos, com domínio acentuado dos vimaranenses, onde as ocasiões para os conseguir apareceram em regular número, mas foram desperdiçadas. Lobato, embora tivesse sorte numa bola ao poste, sòmente teve que fazer uma defesa, ao contrário de Libânio, que teve de empregar os seus méritos para resolver diversas situações. Esta parte ainda cremos que mais contagiou o ambiente da facilidade que se antevia dum resultado favorável. Depois do intervalo os barreirenses apareceram-nos muito mais expeditos, encurralando os locais dentro do seu meio campo, durante todo o primeiro quarto de hora. Assim, aos 14 minutos, Sérgio fez o primeiro golo dos visitantes. Tudo o que era fácil passou a ser difícil. O domínio de bola deixou de ser concreto, o pontapé à balisa perdeu a oportunidade, a visão da jogada apareceu turbada... Isto da parte dos jogadores. Da parte do público, tão optimista até aí, nasceu a desconfiança. E em vez de incitar, de *empurrar* as jogadas, de *sugestionar* o árbitro, virou as costas ao jogo e começou a debandar do campo. Compare-se este ambiente com o do domingo anterior, no Bessa. O público da casa ajudou o seu grupo, que também começou a perder, a conseguir o melhor resultado, gritando, discutindo, fazendo enfim predominar a vantagem de *jogar em casa*. Como isto não aconteceu na Amorosa, veio ainda o segundo golo da Cuf, também obtido por Sérgio, aos 37 minutos. Os vimaranenses só marcaram no último minuto, por Rebelo, então a jogar a interior.

Parece que descrevemos bem como decorreu o jogo. A excessiva confiança contaminou todos — jogadores, público e até dirigentes. Isto não ressalva a responsabilidade de nenhum deles. O público que tem obrigação de até ao último minuto fazer prevalecer a chamada vantagem de jogar em casa. Os dirigentes que devem incutir nos jogadores sempre o receio dum resultado adverso. Os jogadores, estes sobretudo, porque têm obrigações a cumprir para quem lhes paga e, portanto, não podem desperdiçar momentos de triunfo que mais tarde dificilmente se voltam a alcançar. Na equipa do Vitória de domingo passado os seus jogadores bases, de onde sai o influxo positivo do seu jogo, isto é, os médios, os interiores e o avançado-centro, não produziram aquilo que podem e a que são obrigados. Daí toda a equipa cair no plano inclinado das dificuldades. Daí se perderem dois pontos, de difícil recuperação, por culpa de todos e, de especial modo, de alguns.

Nos outros jogos merecem evidência os triunfos do Benfica sobre o Boavista por 11-0 e do Porto sobre o Lusitano com 9-0. Nos restantes os resultados foram normais, como: Académica, 4-Braga, 1; Setúbal, 4-Covilhã, 0; Atlético, 2-Belenenses, 2; Barreirense, 0-Sporting, 0.

A classificação, após esta jornada, ficou estabelecida do modo seguinte: Benfica, 6 p. (19-2); Sporting, 6 p. (16-4); Belenenses, 5 p. (9-5); Académica, 5 p. (12-9); Cuf, 5 p. (5-4); Atlético, 5 p. (6-6); Setúbal, 4 p. (9-7); Braga, 4 p. (8-7); Barreirense, 4 p. (2-5); Porto, 3 p. (11-7); Vitória, 3 p. (6-7); Boavista, 3 p. (5-17); Lusitano, 2 p. (3-21); Covilhã, 1 p. (3-13).

*

Jogos para hoje: Covilhã-Vitória; Porto-Barreirense; Sporting-Académica; Braga-Atlético; Belenenses-Setúbal; Cuf-Benfica e Lusitano-Boavista.

Os vimaranenses, jogando no Tortozendo, podem, se para isso tiverem brio, recuperar os pontos perdidos, sem contar, no domingo passado. A equipa do Vitória é constituída por um núcleo de jogadores de real capacidade e tem a dirigi-la um técnico dos mais competentes que estão no nosso País. Assim, se se compenetrarem dos deveres que têm a cumprir, podem alcançar para o seu clube aqueles resultados de que todos ficam à espera...

L. R.

CASA ESTRELA
SAPATARIA
Rua de S. Dâmaso, 121-123
Junto à Marisqueira) 185
Consertos e limpesas de calçado
Calçado novo e por medida
Mande consertar calçado nesta Casa.

FIBRA ARTIFICIAL
PHRIX
8
Agentes-Depositários
WANDSCHNEIDER & C.ª, L.DA
R. Cândido dos Reis, 74-2.º
TELEF. {Est. 17 / Comp. 21 404} PORTO

FIXE BEM
IMPERMIÁVEIS
"DAVITEX"
(DAVID)
Este ano apresentamos além dos conhecidos tecidos nacionais, em tecido muito fino fabricado na Inglaterra, assim como tecido Suiço.
Garantimos o Impermiável "DAVID"
SÍMBOLO DE BEM VESTIR
GARANTIA DE BEM SERVIR
Exclusivo de
A IMPERIAL
Rua de Santo António, 32-34
Telf. 40157
GUIMARÃES
392

BRIQUETES PEJÃO
INDÚSTRIA — AQUECIMENTO — COZINHA —
A Competidora de Representações, L.da
R. da Raínha n.º 115 — Tel. 4523
GUIMARÃES 398

Notícias de Guimarães n.º 1187 — 10-10-1954

COMARCA DE GUIMARÃES
Secretaria Judicial

ANÚNCIO

ÉDITOS DE VINTE DIAS

1.ª publicação

Pelo juiz de direito desta comarca e primeira secção do primeiro juízo da mesma comarca, nos autos de execução de sentença que a Fábrica de Calçado Conquistador, limitada, com sede na rua de Santo António, desta cidade, move contra Maria Rita Bento, viúva, comerciante, que usa a firma «Viúva de Manuel Bento», moradora em Fagarda, comarca de Coruche, correm éditos de vinte dias, a contar da segunda publicação do respectivo anúncio, citando os credores desconhecidos da executada, para no prazo de dez dias, findo o dos éditos, deduzirem os seus direitos na dita execução, nos termos do disposto no artigo oitocentos sessenta e quatro, do Código do Processo Civil.

Guimarães, 2 de Outubro de 1954.

Verifiquei.

O Juiz de Direito, do 1.º Juízo, 403

Adriano Filipe Afonso.

O Chefe da secção

Alberto Fernandes Carreira.

Notícias de Guimarães n.º 1187 — 10-10-1954

COMARCA DE GUIMARÃES
Secretaria Judicial

ANÚNCIO

1.ª publicação

Pela 1.ª secção do 2.º Juízo da comarca de Guimarães, correm éditos de 20 dias, a contar da segunda publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados António da Cunha e mulher Emília Fernandes da Silva, proprietários, do lugar do Soutinho, freguesia de Santa Maria do Souto, desta comarca, para no prazo de dez dias, depois de findo o dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução sumária que contra os ditos António da Cunha e mulher move Joaquim Correia de Matos, casado, do lugar do Tapado, da mesma freguesia.

Guimarães, 8 de Outubro de 1954.

O Juiz de Direito, 405

Valdemiro Ferreira Lopes.

O Chefe de secção,

Albino Leite da Silva.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

COMISSÃO DE VITICULTURA DA REGIÃO DOS VINHOS VERDES

Rua da Restauração, 318 — PORTO

AVISO

Manifesto de Produção de Vinhos Verdes e Vinhos de Produtores Directos

Em conformidade com o estabelecido no Regulamento da Produção e Comércio dos Vinhos Verdes, Decreto-Lei n.º 16.684, de 22 de Março de 1929, e Decreto-Lei n.º 34.054, de 21 de Outubro de 1944, e mais legislação em vigor,

TORNA-SE PÚBLICO:

Que, todos os Viticultores da área demarcada dos Vinhos Verdes, sejam Proprietários, Usufrutuários, Arrendatários ou Possuidores por qualquer título legítimo, ficam obrigados a fazer o manifesto de produção dos seus vinhos — verde tinto, verde branco e de produtores directos — da presente colheita, até ao dia 5 de Novembro do corrente ano.

Que, os Viticultores devem declarar no manifesto, separadamente, quais as quantidades de vinho que destinam para a venda e para consumo da sua casa agrícola e indicar também, quais os saldos de colheitas anteriores ainda existentes nas adegas.

Que, a importância a pagar, no acto deste manifesto, é de $00,5 por cada litro de vinho produzido — verde tinto, verde branco e de produtores directos, — sob pena de multa de $05 a 1$00 por cada litro de vinho eximido ao pagamento desta taxa, podendo esta multa, no caso de reincidência ser substituída pela apreensão do vinho e vasilhame. (Decreto-Lei n.º 34.054, de 21 de Outubro de 1944).

Que, a falsidade dos manifestos consiste em se declarar como produtores pessoas diferentes do verdadeiro viticultor e como produzidas e destinadas à venda quantidades diferentes das realmente produzidas e destinadas à venda.

Que, é proibido aos Viticultores disporem dos seus vinhos verdes, que destinarem para a venda, sem darem baixa, nos respectivos manifestos, das quantidades que venderam, consumiram, ou, que se tornaram impróprias para consumo público, sob pena de multa de $05 por litro de vinho em transgressão. (Decreto-Lei n.º 16.684, de 22 de Março de 1929).

Que, é igualmente proibido aos Viticultores fazerem eles próprios a condução dos seus vinhos sem os haverem prèviamente documentado com guias de trânsito ou certificados de origem, sob pena de multa de 1$00 por cada litro de vinho verde encontrado em trânsito, indocumentado. (Decreto-Lei n.º 16.684, de 22 de Março de 1929).

Que, o Decreto-Lei n.º 28.783, de 23 de Junho de 1938, proibe a venda e o trânsito de vinho de produtores directos ou lotados com estes.

Os referidos vinhos, quando encontrados nos lugares de venda ou doutros, com destino ao consumo público, serão apreendidos e desnaturados, e encerrados os estabelecimentos de venda em que for encontrado o vinho ou aos quais se destinar, pelo prazo de um mês; e, em caso de reincidência por três meses.

Quem tiver lançado no consumo público vinhos de produtores directos, ou lotado com estes, embora o vinho não seja encontrado, incorre na multa igual ao valor do vinho, se a quantidade for conhecida, ou na multa de **ESC. 500$00 a 5.000$00** conforme as circunstâncias.

Incorrem na mesma pena os que tiverem transportado o vinho de produtores directos ou lotado com estes.

TORNA-SE AINDA PÚBLICO:

Que, compete ao comprador de vinhos pagar a taxa de $02 por cada litro de vinho verde transaccionado, sob pena de multa de $05 a 1$00 por cada litro de vinho, podendo esta multa, no caso de reincidência, ser substituída pela apreensão do vinho e vasilhame. (Decreto-Lei n.º 34.054, de 21 de Outubro de 1944).

Que, os vinhos verdes não podem, legalmente, transitar, ser expostos à venda, exportados, etc., sem que as respectivas remessas estejam devidamente documentadas com guias de trânsito ou certificados de origem, documentos estes que são emitidos, por Delegações da Comissão de Viticultura, nos Grémios da Lavoura.

Porto e Sede da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes, 1 de Outubro de 1954.

PELA COMISSÃO EXECUTIVA,

400 ***O PRESIDENTE,***

Álvaro Pinto Leite (Dr.)